

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

EMMANUEL DA SILVA E ARAUJO

O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA NO PPI:
uma leitura a partir da espiritualidade inaciana

São Leopoldo

2021

EMMANUEL DA SILVA E ARAUJO

**O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA NO PPI:
uma leitura a partir da espiritualidade inaciana**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Jesuítica, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Mariucci

São Leopoldo

2021

O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA NO PPI: uma leitura a partir da espiritualidade inaciana

Emmanuel da Silva e Araujo*

“Se o quadradismo dos meus versos
Vai de encontro aos intelectos
Que não usam o coração como expressão.”

(Antônio Carlos e Jocafi)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o sentido do conceito de experiência no Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI). Partindo da contextualização do PPI, mostramos a complexidade do conceito, seu reducionismo a experimento ou a aquisição de informação, a concepção de experiência do objeto, como fatores que dificultam sua compreensão na perspectiva do PPI. Situamos a experiência na perspectiva inaciana de educação integral e, com base na pedagogia dos Exercícios Espirituais, na Autobiografia de Santo Inácio e na reflexão de estudiosos dos Exercícios, demonstramos o sentido inaciano de experiência como “sentir e saborear internamente as coisas”, que proporciona um “conhecimento interno” a quem faz os Exercícios Espirituais e a quem faz a experiência de aprendizagem, gerando uma transformação vital nesse sujeito. E trouxemos também o “saber de experiência”, de Jorge Larrosa Bondía, que a situa como “o que me acontece”, “o que me passa”, “o que me toca”, como experiência pessoal do sujeito na sua singularidade. Deste modo, demonstramos que experiência, no contexto do PPI, é compreendida na perspectiva da experiência própria da pedagogia dos Exercícios Espirituais, como “conhecimento interno”, singular e pessoal, que afeta e transforma o sujeito da experiência de “sentir e saborear internamente as coisas”.

Palavras-chave: Experiência. Conhecimento. Paradigma inaciano.

* Padre Jesuíta, Mestre em Teologia Moral, Assistente Espiritual e membro do Conselho Diretor do Colégio Antônio Vieira. E-mail: sorpa.pemmanuel@cav-ba.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O Paradigma Pedagógico Inaciano – PPI – foi publicado em 1993, como resposta aos anseios dos educadores dos Colégios Jesuítas, que pediam orientações práticas para a aplicação dos importantes princípios da educação jesuítica, dados pelas Características da Educação da Companhia de Jesus (ICAJE, 1986). As orientações trazidas pelo Paradigma indicam um modo de proceder inaciano na prática pedagógica e estão fundamentadas na pedagogia dos Exercícios Espirituais (EE); trazem, portanto, em seu bojo, vários termos próprios dos Exercícios.

A implementação do PPI nos Colégios incluiu um tempo de capacitação prática dos professores, para assimilarem esse modo de proceder pedagógico. Aqui se deu meu primeiro encontro com o PPI, quando, na capacitação oferecida por um de nossos Colégios, fui chamado a orientar um retiro inaciano de final de semana para um grupo de 60 professores e professoras. Ao final, um professor disse: “somente depois desse retiro eu compreendi o que significa ‘experiência’ no PPI; vocês falavam em experiência e eu a compreendia a partir da matéria que ensino”. Tratava-se de um professor de física.

Esse fato mostra que, para um professor ou professora que faz os Exercícios Espirituais, fica claro o significado dessa palavra no modo de proceder proposto pela pedagogia inaciana, mas para alguém que não fez essa experiência, pode não ser tão claro. Por isso, quando começamos a estudar a Pedagogia Inaciana no Curso de Especialização em Educação Jesuítica, a memória desse fato me mobilizou a investigar sobre o significado de experiência no PPI, de modo que possa ser uma ajuda para esta compreensão. Associada a essa memória, um texto lido durante o curso ajudou também nessa mobilização e me motivou a buscar mais elementos sobre experiência e a ler outros textos do mesmo autor: trata-se do artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, de Jorge Larrosa Bondía (2014).

Neste estudo aqui apresentado, proponho uma leitura do termo experiência no PPI a partir da espiritualidade inaciana, mais especificamente a partir de uma expressão chave dos Exercícios Espirituais: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2). E delimito a leitura a esse ponto específico, porque se formos analisar a metodologia dos Exercícios Espirituais, a Autobiografia de Santo Inácio (Aut) e o seu Diário Espiritual, encontraremos um vasto campo para o estudo do termo experiência. Mas também passaremos por alguns pontos da Autobiografia, que é fundamental para a correta compreensão dos Exercícios. Como apoio para essa reflexão, trazemos a contribuição de vários estudiosos da espiritualidade inaciana, que nos ajudarão a compreender a experiência nesse

âmbito. E também dialogaremos com Jorge Larrosa Bondía, pois ele proporciona fazer pertinentes relações com o termo experiência nos Exercícios e no PPI.

Esse foco dado a partir da espiritualidade inaciana é importante para compreender a leitura que faço, pois eu não venho da área de Educação: enquanto faço essa pesquisa, tenho dois anos e meio trabalhando em Educação Básica, no Colégio Antônio Vieira, de Salvador, Bahia, mas sempre estudei os Exercícios Espirituais e orientei Exercícios em suas mais diversas modalidades. Desse modo, mesmo com a lacuna na área pedagógica, essa experiência com os Exercícios e a espiritualidade inaciana ajudou na abordagem da experiência no PPI, pois a fonte da pedagogia inaciana está nos Exercícios.

Esse estudo consta de quatro partes e das considerações finais. Na primeira parte, nos situamos diante da pedagogia inaciana e da experiência dentro da sua dinâmica. Na segunda parte, apresentamos a complexidade do conceito de experiência e como tal complexidade dificulta a sua compreensão em contexto inaciano. Na mesma seção, fazemos um exercício de “descontaminar a palavra experiência”, conforme sugestiva expressão de Larrosa (2014, p. 41). Na terceira parte, apresentamos a experiência na tradição inaciana e na quarta parte fazemos, então, a leitura da palavra experiência no PPI a partir do “conhecimento interno” próprio da dinâmica dos Exercícios Espirituais, que vem do “sentir e saborear internamente as coisas”. Nas considerações finais, recolhemos as conclusões desse estudo.

2 SITUANDO A QUESTÃO: PPI E EXPERIÊNCIA

Nos primórdios da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola não pensava que o campo educativo fosse uma de suas áreas apostólicas. Com a criação de Colégios para a formação dos novos membros da Ordem e o sucesso visível da educação dada aí, veio uma onda de pedidos de abertura de Colégios para a educação da juventude. Em agosto de 1548, foi fundado em Messina, o primeiro colégio clássico da Companhia de Jesus. Iniciou-se, então, um processo de sistematização de seu modo próprio de ensino e, em 1599, foi publicada a *Ratio Studiorum*¹ em sua versão final, uma proposta humanista de educação integral, expressa no binômio “virtudes e letras”, próprio da época.

O itinerário formativo proposto pela *Ratio* “sobrevive” à supressão da Companhia de Jesus e permanece até a primeira metade do século XX. Na década de 1960, o Concílio Vaticano

¹ Sobre a história da *Ratio Studiorum* e para consulta ao texto, Cf. FRANCA (2019).

II interpelou a vida religiosa a uma volta às fontes originais de sua tradição e carisma, uma urgência imposta pelos sinais dos tempos. No campo da educação, o Pe. Arrupe fez, em 1980, o pronunciamento “Nossos colégios ontem e hoje”, que foi um divisor de águas e lançou as bases para a constituição do que chamamos de “pedagogia inaciana”.

Destaque-se que, na Companhia de Jesus, um dos frutos desse movimento foi o “resgate da experiência espiritual de Inácio de Loyola e dos princípios metodológicos dos Exercícios Espirituais, dos quais nasceu esta pedagogia” (KLEIN, 2002, p. 22). A partir daí teremos as *Características da Educação da Companhia de Jesus* (ICAJE, 1986), *Pedagogia Inaciana: Uma Proposta Prática* (ICAJE, 1993) – o PPI – e, mais recente, *Colégios Jesuítas: Uma tradição viva no século XXI – Um exercício contínuo de discernimento* (ICAJE, 2019).

O documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, na parte 10, indica princípios metodológicos da Pedagogia Inaciana. A elaboração do PPI nasce do anseio dos educadores por orientações práticas de como implementar esses princípios da educação jesuítica.

Como já acenamos, na esteira do Concílio, a Companhia de Jesus viveu uma grande renovação. Esse processo tem início na Congregação Geral (CG) 31² e avança nas Congregações seguintes. No campo pedagógico, a CG 31 amplia o binômio “virtudes e letras”, ao indicar novas dimensões da educação integral: “o desenvolvimento das faculdades da pessoa, as competências de autonomia, firmeza de ânimo, retidão de juízo e as dimensões estética, comunicacional e interpessoal” (KLEIN, 2017, p. 5).

A CG 33, ao tratar da formação dos jesuítas, afirma: “Cuide-se, em particular, da integração dos diversos aspectos (espiritual, comunitário, apostólico e intelectual) da formação” (CG 33, Dec. 1, 20). Sobre isso, afirma Klein:

os jesuítas descobriram o referencial que buscavam: a interrelação de experiência, reflexão e ação. Reconhecendo que esta tríade já existia nos Exercícios Espirituais, acrescentando-lhe a contextualização e avaliação, constituindo assim, o Paradigma Pedagógico Inaciano, o PPI. (KLEIN, 2002, p. 22-23).

Assim, o Paradigma Pedagógico tem como um de seus fundamentos a experiência no processo de ensino-aprendizagem, em uma perspectiva de educação humanista e integral. Mas a experiência não é elemento estanque; ela é uma interação entre experiência, reflexão e ação, dentro de um contexto, em um ciclo que, avaliado, se retroalimenta. Portanto, para bem

² Congregação Geral é o órgão máximo legislador da Companhia de Jesus, e que também lhe dá orientações sobre a missão e elege o Superior Geral. A CG 31 aconteceu em duas sessões – de 07/05/1965 a 15/07/1965 e de 08/09/1966 a 17/11/1966 - e elegeu o Superior Geral Pe. Pedro Arrupe SJ na primeira sessão (22/05/1965), assim como deu as primeiras orientações para a Companhia nos tempos pós-Conciliares.

compreender esse processo, é preciso ter clareza sobre o significado de experiência no contexto do PPI e, para tanto, é preciso compreendê-lo em contexto inaciano.

Afirma o PPI: “Empregamos a palavra EXPERIÊNCIA para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo” (PPI 43). Ou seja, na pedagogia inaciana considera-se que “a experiência inaciana ultrapassa a compreensão meramente intelectual” (PPI 42). De fato, nos Exercícios Espirituais, Santo Inácio afirma: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2).

Larrosa (2014, p. 19) nos ajuda a compreender essas afirmações em contexto pedagógico: “A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber da experiência é que é necessário separá-lo do saber das coisas”. Do mesmo modo, no contexto pedagógico inaciano, o processo de ensino-aprendizagem supera aquele da *educação bancária*³: há uma íntima relação e interação de experiência, reflexão e ação do aprendente, em um ciclo contínuo, que vai muito além do saber das coisas e do mero acúmulo de informações.

É neste sentido que é preciso ter clareza sobre o significado de experiência dentro do contexto da pedagogia inaciana. Nosso próximo passo será, então, explicitar o que nos dificulta compreender seu significado, bem como o sentido que pretendemos para a palavra, para assim podermos avançar com segurança em nossa reflexão sobre a experiência no PPI, à luz da espiritualidade inaciana.

3 EXPERIÊNCIA: O SENTIDO QUE BUSCAMOS

Experiência é uma palavra de grande complexidade e pluralidade semântica, que circula nos mais diversos âmbitos culturais. Por isso, antes de passarmos à investigação do sentido da palavra experiência no contexto inaciano, vamos nos situar diante desta complexidade e fazer um exercício de, segundo a sugestiva expressão de Larrosa (2014, p. 41), “descontaminar a palavra experiência”.

³ Expressão que tomamos de Paulo Freire, que afirma: “Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 80).

3.1 A complexidade do conceito de experiência

Falamos de experiência em contextos muito distintos, como por exemplo: uma experiência de laboratório, a experiência de assimilar os conteúdos de uma aula de inglês ou de matemática, uma experiência de Deus em Exercícios Espirituais, uma experiência amorosa, uma maravilhosa experiência de férias, um êxtase diante de um crepúsculo.

Além disso, o conceito de experiência é utilizado por uma grande variedade de ciências, cada qual trazendo-lhe a abordagem conceitual própria de seu estatuto epistemológico. Carlos Palácio, afirma que experiência

É um dos conceitos mais difíceis de se manejar, tanto na filosofia quanto na teologia. Além do mais, visto com suspeita, pois a razão moderna, ao exaltar o conhecimento científico e a abstração racional como formas por excelência de conhecimento, menosprezou a experiência — sobretudo religiosa — como forma de conhecer. (PALACIO, 2007, p. 855).

Essa dificuldade tem também reflexos no campo da educação, onde experiência é um conceito que assume matizes diversos. É sugestiva a maneira como Larrosa (2014, p. 40) apresenta essa problemática ao propor o “saber de experiência” como um novo caminho, diante dos modelos pedagógicos fundados nessa herança moderna e que hoje predominam na educação. Ele afirma que na ciência moderna a experiência “é convertida em experimento”, ela é convertida

em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é mais o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens na sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e domínio do mundo. (LARROSA, 2014, p. 33).

No campo educativo, esse deslocamento da concepção de experiência se apresenta em dois pontos de vista sob os quais ela foi pensada nas últimas décadas: o “dos partidários da educação como ciência e dos partidários da educação como política” (LARROSA, 2014, p. 16). Os primeiros situam a educação “a partir da legitimidade da ciência e da planificação técnica, dos que usam esse vocabulário da eficácia, da avaliação, da qualidade, dos resultados, dos objetivos”; os segundos a situam “a partir da legitimidade da crítica” e “consideram a educação como uma práxis política encaminhada para a realização de certos ideais como a liberdade, a igualdade ou a cidadania” (LARROSA, 2014, p. 62).

Em ambas as correntes, não há espaço para compreender experiência na perspectiva inaciana, enquanto possibilidade para conhecer e entender dimensões interiores do sujeito que não podem ser apreendidas somente pelo intelecto e pela razão. Como afirma Inácio, “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2).

Mas se, com o reducionismo moderno ao campo empírico e ao experimento, há um esvaziamento da experiência, suas dimensões mais profundas continuam sussurrando em nós. Peter Berger, refletindo sobre esse reducionismo que limita o alcance da experiência e impacta a questão metafísica, afirma que, mesmo com essa tentativa moderna, o sagrado continua pairando no ar como um *rumor de anjos*, e questiona:

Até quando uma tal redução do alcance da experiência humana poderá continuar plausível é objeto de debate. De qualquer formar, constitui profundo empobrecimento. Na prática e no pensamento teórico, ganha a maior parte de sua riqueza da capacidade de êxtase, pelo qual não quero significar as supostas experiências do místico, mas qualquer experiência de sair fora da realidade aceita como tal da vida cotidiana, qualquer abertura para o mistério que nos cerca de todos os lados. (BERGER, 1973, p. 102).

Essa reflexão leva a pensar na questão do sentido de experiência no âmbito do PPI. Nós, que lemos e buscamos aplicar esse paradigma pedagógico, estamos mergulhados no mesmo movimento de redução do alcance da experiência humana. Mas não podemos perder de vista que a pedagogia inaciana situa a experiência em um campo que vai além do experimento e da mera constatação empírica: ela tangencia o campo do êxtase, no sentido de que não permanece na mera prática especulativa, mas envolve o *sentir e saborear internamente as coisas* (EE 2). Ou seja, é uma “experiência de sair fora da realidade aceita como tal da vida cotidiana”, uma “abertura para o mistério que nos cerca de todos os lados”.

Por isso, seguimos nossa reflexão, provocados por Larrosa (2014, p. 41) a “separar claramente experiência de experimento e descontaminar a palavra experiência de suas conotações empíricas e experimentais”.

3.2 Para “descontaminar a palavra experiência”

Antes de avançarmos à experiência inaciana e à experiência no PPI, façamos este breve exercício de “descontaminar a palavra experiência”, que significará simplesmente evidenciar o significado que precisamos ter presente em meio à sua pluralidade de sentidos.

A redução da experiência a experimento faz com que ela seja definida a partir do objeto estudado: é *experiência do objeto*. Ao estudar a possibilidade da experiência cristã, Edgard Mouroux aponta uma experiência que só pode ser definida a partir do sujeito: é *experiência pessoal*, não do objeto. Ele afirma que há pluralidade de formas de experiência e uma diversidade de níveis de captação do objeto, em função “do tipo de proveniência do objeto e do tipo de participação da pessoa”. Esses níveis de captação são: o “empírico”, o “experimental” – próprio da ciência – e o

‘experencial’: o nível plenamente pessoal, onde se tem uma experiência ‘tomada em sua totalidade pessoal, com todos os elementos estruturais e todos seus princípios dinâmicos; uma experiência construída e captada na lucidez de uma consciência que se possui e na generosidade de um amor que se doa’. (MOROUX, apud GARCÍA, 2015, p. 198-200).

Essa distinção nos indica que a experiência vai além da análise formal de um objeto externo; ela é experiência vital, porque envolve e afeta o sujeito; ela passa pelo sujeito e deixa nele a sua marca e, consciente dessa marca, ele sai da experiência de alguma maneira transformado. Manuel García firma que

Com Moroux vimos que se dá experiência quando a pessoa se implica, ou seja, quando vive, assume a complexidade das relações que tecem a existência, integrando-as coerentemente na unidade do próprio dinamismo. Neste caso, experiência é entendida não tanto como experiência do objeto – como queria a redução empirista – mas como experiência do modo pessoal de relacionar-se com os objetos. Com maior propriedade, é experiência da estruturação do dinamismo da pessoa. (GARCÍA, 2015, p. 300).

Assim, como afirma Larrosa (2014, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Ou seja, estamos falando de uma realidade experiencial, na qual o sujeito padece a experiência - “não se faz a experiência, mas sim se sofre, não é intencional, não está do lado da ação, mas sim do lado da paixão” -, pois experiência é algo que *me passa*, que *me acontece* e que deixa em mim uma marca. E continua: “Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição” (LARROSA, 2014, p. 68). E, frente à pretensão de universalidade do experimento científico, afirma que “a experiência é sempre do singular” (LARROSA, 2014, p. 68), pois é distinta para cada um na sua singularidade.

Como mais uma ajuda à compreensão da concepção de experiência que buscamos, citamos três exemplos de Santa Teresa de Ávila, mística contemporânea de Santo Inácio de Loyola, no Livro da Vida (V) e em Castelos Interiores ou Moradas (C). Santa Teresa é mestra da experiência de Deus, precisamente por sua experiência de Deus, e deixa claro que transmite e ensina aquilo que nela é fruto da experiência: “Não direi coisa que não tenha experimentado” (V 18,8). Ela se empenhou muito em destacar a importância dessa experiência, que implica a totalidade do sujeito e que é experiencial, padecida na própria carne, tocando a vida, de forma que é a experiência que abre possibilidade de entender o que não se consegue somente pelo intelecto:

Há coisas tão delicadas, que o intelecto, por mais que se esforce, não tem capacidade de sugerir sequer uma ideia para exprimi-las adequadamente. Qualquer explicação parecerá obscura aos que não o experimentaram. Quem, todavia, tiver experiência, bem o entenderá, especialmente quem muito a tiver. (C, IV M 1,2).

E sobre as pessoas que estão trilhando o caminho da vida espiritual, diz: “[...] tenho pena dos que começam só com livros. Admiro-me ao verificar que como se entende, de modo tão

diferente do que é na realidade, uma coisa que, depois por experiência, se vem a conhecer tal qual é” (V 13,12).

Com essas considerações, temos já “descontaminada a experiência”, para podermos avançar agora à experiência inaciana.

4 A EXPERIÊNCIA NA TRADIÇÃO INACIANA

Assim como Santa Teresa, Santo Inácio também é mestre da experiência. Sua conversão se dá através de uma experiência interior, da qual foi progressivamente se tornando consciente. A Autobiografia, o Diário Espiritual e os Exercícios Espirituais nos dariam vasto território para explorar a experiência inaciana. Assim, aqui vamos nos restringir a um olhar sobre a sua conversão e sobre a redação dos Exercícios Espirituais, para situarmos o ponto dos Exercícios que tomaremos para analisar a experiência no PPI.

4.1 A experiência interior de Santo Inácio na sua conversão

A vida de Santo Inácio de Loyola é repleta do que aqui chamamos, com Larrosa, de “saber de experiência”: ele desenvolve a capacidade de cair na conta do que *nele se passa*, a nível “experencial”, envolvendo todo o seu ser, como posto por Moroux. Nessa perspectiva é que abordamos a experiência interna que desencadeou a sua conversão, quando do cavaleiro nasce o Peregrino. Inácio de Loyola nasceu em 1491, em uma época de grandes transformações. No ano seguinte ao seu nascimento, Cristóvão Colombo amplia as fronteiras do mundo conhecido. Acontece a transição da Idade Média à Renascença: uma mudança de época. Inácio era o filho mais novo de uma família nobre, que tinha como perspectiva de vida destacar-se na corte, junto à nobreza e aos poderosos de seu tempo.

É assim que o cavaleiro Inácio vai a Pamplona defender a fortaleza do ataque dos franceses, a serviço do Vice-Rei de Navarra. Ferido em batalha, passa um longo período de convalescença no Castelo de Loyola, e aí vive pela primeira vez um movimento “experencial” que mudará completamente os rumos de sua vida. Como ele mesmo afirma, “até os 26 anos foi homem entregue às vaidades do mundo” (Aut 1). Buscando algo que o ajudasse a se entreter na solidão e inércia daqueles longos dias em recuperação, ele pede à sua cunhada que lhe traga

novelas de cavalaria. Mas no castelo de Loyola só havia dois livros: a *Vita Christi* e o *Flos Sanctorum* (Legenda Áurea, sobre a vida dos Santos), que ela lhe entrega.

Inácio, antes dessas leituras, passava horas pensando na vida e nas honras da corte, na dama de seus sonhos, nas aventuras de cavalaria. De início, não queria ler aqueles livros, mas, sem ter outra coisa, começa a leitura. Na medida em que os lia, foram surgindo outros pensamentos, diferentes dos anteriores: o modo de vida dos santos, a possibilidade de imitá-los vivendo em pobreza, indo a pé a Jerusalém, anunciando o evangelho. E reconhece o início de uma transformação, pois se antes rejeitava esses livros, agora afirma: “Lendo muitas vezes, algum tanto ia-se afeiçoando ao que ali estava escrito” (Aut 6).

Agora são duas linhas de pensamento que o ocupam intensamente durante várias horas seguidas, alternando-se, mas com uma semelhança: ambas são muito atraentes e satisfatórias. E percebe também que, no tempo seguinte a esses pensamentos, vinham-lhe ressonâncias afetivas distintas, que ele descreve assim:

Notava, ainda, esta diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia um grande prazer, mas quando depois de cansado as deixava, sentia-se árido e descontente. E quando pensava ir a Jerusalém, descalço e comendo só ervas, e em fazer todos os mais rigores que via que os santos tinham feito, não só sentia consolação quando estava nesses pensamentos, mas também depois de os deixar, ficava contente e alegre. (Aut 8).

Desse modo, solitário no longo tempo de convalescença, vai aprendendo a olhar para dentro de si e descobre que há outro mundo além do já conhecido mundo exterior: no seu interior, há movimentos alternados que o atingem e o transformam, e que demandam ser conhecidos. Inácio começa a fazer um grande exercício de introspecção, atento a essas alternâncias: quando pensa em viver como os santos, percebe em si uma intensa e duradoura alegria interior; quando imagina-se voltando à vida passada, percebe uma alegria que é passageira e que acaba em grande vazio interior.

Se, antes dessa descoberta, ele era simplesmente movido por desejos de honra e glória entre a nobreza da corte, agora percebe movimentos interiores diversos, uns para a glória do mundo, outros para o caminho dos santos. E ele, “sem ter conhecimento das coisas interiores espirituais” (Aut 30), vai aprendendo a conhecê-las e vive um processo de transformação, marcado pela diversidade de pensamentos e sentimentos, que o levam a descobrir a diversidade de moções e de espíritos atuantes nessas moções. Diz Inácio:

Mas não reparava nisso nem se detinha a ponderar esta diferença, até que uma vez se lhe abriram um pouco os olhos e começou a maravilhar-se desta diversidade e a fazer reflexão sobre ela. Compreendeu então por experiência que de uns pensamentos ficava triste e de outros, alegre, e pouco a pouco veio a conhecer a diversidade dos espíritos que se agitavam. (Aut 8).

Assim, quando se dá conta desse intenso movimento espiritual afetivo, Inácio aprende a ler e interpretar o que se passa em seu interior e descobre como Deus se manifesta em sua vida, e o descobre de maneira “experencial”: ele compreende, então, por experiência aquilo que, posteriormente, codificará em suas regras de discernimento. De fato, é central no processo dos Exercícios Espirituais, o “sentir e conhecer as várias moções que na alma se causam” (EE 313).

Tal aprendizado nasce da experiência pessoal vivida na convalescença em Loyola. Assim, podemos dizer que Inácio viveu um processo marcado pelo “saber de experiência”, que ele caracteriza como “sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2) e que lhe proporcionou uma profunda transformação vital. O itinerário interior pelo qual chegou a esse “saber de experiência”, ele o sistematizou em um método para que outros possam também fazer sua experiência pessoal e singular de encontro com Deus: são os Exercícios Espirituais.

4.2 Exercícios Espirituais: um método pedagógico para a experiência interna

Depois de se recuperar do ferimento na perna, mobilizado por essa experiência vivida, Inácio decide deixar o Castelo de Loyola. Passando 10 meses em Manresa, viverá novas e profundas experiências (Aut 18-34). Ele afirma que “neste tempo, Deus o tratava como um mestre-escola trata um menino” (Aut 27). Nessa experiência de aprendizado espiritual, Inácio vai recolhendo elementos que, mais tarde, constituirão o livro dos Exercícios Espirituais.

O Pe. Câmara⁴ perguntou a Inácio como escrevera os Exercícios, a que ele respondeu “que os Exercícios não os tinha escrito todos de uma vez, mas algumas coisas que observava em sua alma e as achava úteis para si e lhe parecia ser úteis aos outros, as punha por escrito” (Aut 99). Assim, ele vai observando as experiências que vivia, organizando-as e redigindo-as, de forma que pudessem servir de ajuda para que outras pessoas fizessem a sua experiência. Isso se dá em um período que vai desde os tempos de Manresa (1522) até os primeiros anos de Roma (em torno de 1541).

O livro dos Exercícios não é, portanto, fruto de um estudo; não é um tratado de dogmática, nem se trata de um manual de instruções com técnicas de oração. É o resultado da longa maturação espiritual de um homem que se deixou afetar internamente por uma profunda experiência Deus. A experiência pessoal de Inácio é única e irrepetível, mas ele traduziu seu itinerário espiritual neste método chamado Exercícios Espirituais. Gaston Fessard (2010, p. 13) afirma que Inácio oferece

⁴ Pe. Luís Gonçalves da Câmara, jesuíta português a quem Santo Inácio narrou a Autobiografia, entre os anos de 1553 e 1555.

um método pelo qual o exercitante, que já conhecia as verdades da fé, muitas vezes sem uma relação existencial com elas, fará uma experiência na qual “os fatos distantes se aproximam dele até se lhe tornarem quase contemporâneos e ‘senti-los’ como presentes. Os mistérios se vivem como se lhe fossem pessoalmente revelados”.

Santo Inácio é, portanto, um mistagogo, alguém que fez uma experiência do Mistério e aprendeu a ajudar a outros a se iniciarem na sua própria experiência do Mistério. A experiência de Deus é em sua vida uma realidade e uma necessidade. Os Exercícios retratam as principais etapas desta experiência – Loyola, Jerusalém, Manresa, La Storta – em um método pedagógico para uma progressiva experiência espiritual. Essa pedagogia permeia também o PPI e dá o sentido da experiência que aí se pretende fazer.

5 A EXPERIÊNCIA NO PPI À LUZ DA EXPERIÊNCIA NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

O “saber de experiência” mobilizou a vida de Santo Inácio e daí nasceram os Exercícios Espirituais. A metodologia dos Exercícios, quando aplicada em conformidade com o espírito inaciano⁵, possibilita a quem os faz, um “saber de experiência” que é característico da mística inaciana e, de maneira análoga, a pedagogia inaciana o proporciona ao sujeito aprendente. Vamos, então, abordar a experiência no PPI à luz dos Exercícios. Mas não temos como percorrer todas as etapas desse itinerário pedagógico⁶. Vamos, então, nos ancorar na experiência interna que os Exercícios proporcionam, a partir da afirmação fundamental: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2).

⁵ Os Exercícios Espirituais são uma articulação harmônica de mística e ascética, de ação da graça de Deus e empenho humano. Essa articulação é bem compreendida quando se aplica a pedagogia dos Exercícios à luz da experiência vivida por Santo Inácio e descrita na Autobiografia. Se o método dos Exercícios for dissociado do espírito dos Exercícios, dado na Autobiografia, corre-se o risco de transformar o livro dos Exercícios em um manual de ascética, em um método em que se busca fruto pelo puro esforço humano. Nada mais alheio ao espírito inaciano.

⁶ Para uma visão de conjunto do itinerário pedagógico dos Exercícios, cf. THOMAS (1990) e PALAORO, Adroaldo. **A experiência espiritual de Sto. Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios**. São Paulo: Loyola, 1992.

5.1 Experiência articulada no conjunto do PPI

Em primeiro lugar, como já afirmamos, é fundamental ter presente que a correta compreensão de experiência no PPI só é possível se ela for vista dentro da sua dinâmica global, que indica um modo de proceder pedagógico. Essa dinâmica é apresentada entre os números 32 e 67, e consta de cinco pontos fundamentais, intimamente ligados entre si e em constante interação: *contexto, experiência, reflexão, ação, avaliação*. Caracterizemos brevemente esses pontos, para situarmos a experiência, reforçando que devemos sempre olhar para cada um deles dentro da organicidade desse conjunto e nunca como elementos estanques.

O *contexto* do aprendente é onde se situa e se desenvolve seu processo de ensino-aprendizagem. Porém, não se trata somente do contexto enquanto realidade e circunstâncias em que ele se situa, mas também do contexto que é o próprio sujeito aprendente. Santo Inácio, no início do livro dos Exercícios Espirituais, apresenta um pequeno diretório, nos números 1 a 20, chamado “Anotações”, no qual oferece orientações a quem dá os Exercícios, sobre como estar atento a esse contexto que é o exercitante. As *Características da Educação* e o PPI vão recolher muitos elementos das Anotações nas orientações dadas aos educadores e educadoras e trazem a mesma perspectiva de contexto.

Dentro desse *contexto* é que se dá a *experiência*, na qual o aprendente se aproxima do objeto que busca conhecer, em um processo que é cognitivo e afetivo, integral e integrador⁷. Essa aproximação experiencial é inseparável da *reflexão*, pela qual o aprendente assimila o significado de sua *experiência*, detendo-se criticamente sobre as relações percebidas e ressonâncias interiores sentidas diante do objeto de estudo, transformando a sua maneira de pensar e tomando decisões. Essa transformação interior leva à *ação*, que é a manifestação externa de como o conhecimento adquirido na *experiência* insidiu na vida concreta do aprendente.

O quinto elemento do Paradigma é a *avaliação*. Diante de práticas avaliativas muito comuns, que podem ofuscar o sentido de *avaliação* no PPI, e, em consequência, também o sentido de experiência, é importante um olhar mais atento a esse ponto. Fazendo uma leitura a partir da reflexão de Olenir Mendes (2005, p. 175-182), podemos dizer que no PPI a concepção de avaliação está em conformidade com a “avaliação formativa”. Não é avaliação que se justifica

⁷ O PEC expressa bem essa perspectiva integral: “Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas a sua dimensão intelectual”. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. PEC – Projeto Educativo Comum. São Paulo: Loyola, 2021, n. 34).

por si mesma; ela é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, que permite constatar o nível de aprendizagem durante todo o processo, aprender com os erros, avaliar o próprio processo e corrigir rotas, em um acompanhamento contínuo. Ela possibilita, assim, uma reflexão sobre a experiência de ensino-aprendizagem, gerando novas ações para a construção do conhecimento, dentro do contexto da pessoa aprendente; não se reduz a um instrumento para verificar e quantificar resultados em momentos pontuais, com vistas a avançar com a matéria sem olhar para trás, mas é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, conduzido de forma contínua, buscando o desenvolvimento integral das potencialidades da pessoa aprendente.

Assim, o modo de proceder pedagógico proposto no PPI não aponta para um programa estático, pré-estabelecido; trata-se de um ciclo vital, em que a avaliação da experiência de aprendizagem desencadeia uma reflexão, que gera uma ação contextualizada, em um processo de ensino-aprendizagem que se retroalimenta sempre, buscando ações que respondam ao contexto do aluno. Tendo presente esse ciclo vital, vejamos agora a experiência no PPI na perspectiva dos Exercícios Espirituais, à luz do *sentir e saborear internamente as coisas*.

5.2 A experiência nos Exercícios Espirituais e a experiência no PPI: “sentir e saborear internamente as coisas”

Derivada do caminho vivido pelo Peregrino e traçado por ele no itinerário pedagógico dos Exercícios, a “experiência” ocupa lugar central no PPI, articulando, no processo cognitivo, a abordagem intelectual e afetiva do aluno sobre o objeto de estudo. Isso porque “EXPERIÊNCIA significa para Inácio ‘saborear as coisas internamente’” e, nesse sentido, “a experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual” (PPI, n. 42); ela é muito mais do que conhecer fatos, raciocinar e avaliar ideias:

Inácio exige que ‘o homem todo’ – mente, coração e vontade – se envolva na experiência educativa. Estimula a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognoscitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação. (PPI, n. 42).

Nesse movimento à ação “estão implicados o coração e a cabeça, a pessoa em sua totalidade” (PPI, n. 42). Mas, se “a experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual”, é importante que, antes de avançarmos, façamos um destaque, bem expresso por Thomas (1990, p. 78-79) em sua reflexão sobre a pedagogia dos Exercícios: “Inácio não é intelectualista”, mas ele também dá muita “importância ao trabalho da inteligência”. De fato, por exemplo, o exercitante usa “do entendimento, raciocinando, e da vontade, despertando afetos”

(EE 3); outro exemplo: “em seguida, discorrer mais em particular com o entendimento e, em seguida, movendo mais os afetos com a vontade” (EE 50). E, na contemplação inaciana, onde podemos dizer que é essencialmente busca de “conhecimento interno”, Inácio diz: “refletir sobre mim mesmo para tirar proveito” (EE 114). Assim, o “sentir e saborear internamente as coisas”, ou o que Inácio chama de “conhecimento interno”, não prescinde da razão, mas não se reduz a ela.

Isso posto, voltemo-mos agora ao “saber de experiência” à inaciana. Quando o PPI afirma que a experiência significa “saborear as coisas internamente”, é importante ter presente que o verbo “saborear” é precedido por um verbo inseparável dele na dinâmica inaciana: “*sentir e saborear* internamente as coisas” (EE 2). Sobre este “sentir”, afirma Melloni (2007b, p. 1631): “Estamos diante de um dos termos mais característicos da antropologia inaciana”. Mas é importante notar que este termo central está atrelado ao *saborear*, como bem destaca Bert Daelemans:

Trata-se de sentir e saborear, não somente de sentir. Inácio [...] conhecia o valor de que o sabor impregne todo o meu ser, que meu eu se faça saboroso. Isso leva tempo. Significa cultivar uma capacidade contemplativa, receptiva, energicamente passiva, de manter-se quieto, repousar, descansar, sem ter ânsia de se adiantar ao Espírito, sabiamente ignorante, como Jerônimo Nadal tão belamente falou sobre Santo Inácio (FN II 252). (DAELEMANS, 2019, p. 562-563).

Ele também afirma, sugestivamente (2019, p. 561): “Quando Inácio convida o exercitante a ‘sentir e saborear as coisas internamente’, o faz igualmente em contraste com outro modo de nos relacionarmos com elas: ‘não é o muito saber que sacia e satisfaz’ [EE 2]”. Ou seja, se no processo cognitivo é preciso ter conhecimento dos dados objetivos, na perspectiva inaciana trata-se de um “saber de experiência”, que vai muito além do mero conhecimento conceitual, da informação ou do reducionismo ao experimento.

Neste sentido, Melloni (2007a, p. 933) afirma que “os Exercícios Espirituais podem ser considerados uma pedagogia da sensibilidade e dos sentidos, tanto corporais como interiores”, ou seja, a pedagogia inaciana propicia a experiência interna de um *saber com sabor*, de um saber com sentimento. Melloni também chama a atenção para um ponto importante em relação ao sentir inaciano:

Este sentimento não pode ser confundido com o sentimentalismo, fruto ambíguo do magma psíquico e completamente alheio ao caráter e modo de proceder inacianos, mas é a ressonância integral da pessoa, que tem que aprender a discernir, aprofundar, integrar no dinamismo da experiência espiritual. (MELLONI, 2007b, p. 1631).

Ou seja, o sentir envolve toda a pessoa, de modo que “podemos dizer que a tradução moderna do sentir e sentimento inacianos é ‘experienciar’, ‘fazer experiência de algo’, que é

diferente do mero ‘experimentar’, que pudesse ser repetido como um experimento” (MELLONI, 2007b, p. 1631). E “experenciar”, nesse contexto, está em conformidade com o “saber de experiência” de Larrosa (2014, p.30), que é singular e “se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”, e com o “experencial” de Mouroux, que é o nível de experiência plenamente pessoal; e vimos que ambos englobam a totalidade do sujeito de experiência.

Como afirma Iparraguirre (1972, p. 192), na experiência inaciana “sentir é perceber algo através de uma experiência interna. Inclui dois elementos, um cognitivo e outro de índole interna e experimental. Não é somente gozar de uma experiência, mas, através dessa experiência, adquirir clareza sobre um objeto”. Não custa reforçar: leia-se “experimental” como um “saber de experiência”, experencial, e não como experimento. É assim que podemos reafirmar que, no PPI “empregamos a palavra EXPERIÊNCIA para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo” (PPI 43).

Antes de darmos mais um passo, vale a pena trazer, através de Larrosa, uma nota complementar sobre a experiência enquanto pessoal, pois esse movimento que explicitamos acima se dá encarnado em uma pessoa concreta, em um sujeito de experiência. Larrosa afirma que

o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSA, 2014, p. 32).

Tal afirmação é muito pertinente ao espírito da experiência inaciana, que é pessoal e singular, encarnada na realidade do exercitante. Como já indicamos, é uma experiência enraizada no contexto da pessoa e no contexto que é a própria pessoa e, como ajuda para que ela seja assim vivida, Santo Inácio apresenta, nas Anotações (EE1-20), uma série de notas pedagógicas para orientar aquele que dá os Exercícios⁸. Por exemplo, que ele não pode interferir no processo do exercitante, pois sua experiência é pessoal e única (EE 5); deve observar bem a cada exercitante e perceber o que se passa em seu processo pessoal de Exercícios, para dizer a palavra certa na hora certa (EE 6;8;9;10); e deve ficar atento ao processo de cada um, para oferecer a matéria certa na hora certa, para saber adaptar, modelar e dosar a experiência de acordo com o ritmo e a capacidade que cada pessoa tem de assimilá-la (EE 4;18;19).

⁸ Para uma leitura das Anotações em uma perspectiva pedagógica da educação, cf. GARCÍA DE CASTRO, JOSÉ. **Educar lo invisible**. La inspiración de la educación ignaciana. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2021, p 87-168.

No PPI, encontramos este mesmo princípio da experiência, expresso na orientação dada ao professor para a atenção ao contexto da experiência de aprendizagem:

Da mesma forma, a atenção pessoal e a preocupação pelo aluno, que é um distintivo da educação jesuíta, requer do professor que conheça quanto for possível e conveniente, a vida do aluno. E, como a experiência humana, ponto de partida da pedagogia inaciana, nunca se produz no vazio, devemos conhecer, na medida do possível, o contexto concreto em que se processa o ensino-aprendizagem. (PPI 35).

5.3 Do “sentir e saborear” ao “conhecimento interno”

Tal percepção através da experiência interna se dá na busca constante do *conhecimento interno* e, na perspectiva inaciana, *sentir* e *conhecer* são duas experiências articuladas, como mostram os exemplos seguintes: “que eu *sinta interno conhecimento* de meus pecados” (EE 63); ou ainda: “onde a pessoa *sentiu algum conhecimento interno*” (EE 118). O Pe. Calveras vai perguntar: “Como se pode *sentir conhecimento*?” Ele responde que esta formulação destaca que a experiência de conhecer é *interna*, e que, portanto, *sentir conhecimento* significa “fazer a experiência de conhecer mais profundamente” ou “experimentar em si”, de modo que a pessoa passa a “saber por consideração própria” e a experimentar mais clareza a partir da experiência interna (Cf. CALVERAS, 1952, p. 373-377).

A “experiência de conhecer profundamente” explicitada como “sentir conhecimento interno” é a *experiência* que envolve toda a pessoa no processo espiritual e no processo de ensino aprendizagem, experiência que unifica e transforma o ser humano aprendente. Afirma Melloni (2001, p. 91) que aí se dá o “encontro de conhecimento e amor”, esse encontro que na dinâmica dos Exercícios Espirituais, é com a pessoa de Jesus, que vai transformando a vida do exercitante progressivamente e o leva às decisões profundas para “em tudo amar e servir” (EE 233). Na experiência do PPI, sobre esse encontro de “conhecimento e amor”, afirma-se que “as dimensões afetivas do ser humano devem estar tão implicadas quanto as cognoscitivas, pois, se o sentimento não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá à ação” (PPI 42).

A experiência típica do conhecimento interno não fica no nível conceitual ou sensível, mas vai ao centro vital da pessoa e a envolve por inteiro. Melloni (2001, p. 91) afirma que aí se envolvem “todas as dimensões da pessoa: a corporal, a afetiva, a cognitiva e a espiritual. E também a relacional, porque aquele que dá os Exercícios sente o que se passa com quem os recebe, e se sente com e na Igreja [EE 352]”. Note-se que Melloni destaca uma dimensão importante, inerente a esse envolvimento integral do exercitante, do aprendente: a experiência é relacional. Reforcemos esse importante destaque com uma afirmação de Parmanda Divarkar:

O que Inácio chama conhecimento interno é distinto do conhecimento fático: é conhecer a alguém e não conhecer algo de alguém. Conhecimento pessoal não é somente informação, mas relação que transforma aos que estão implicados nela, conforme a medida da intimidade neste contato. Somente quem sentiu e saboreou a Deus pode dizer que o conhece mais e, conforme a relação se faz mais intensa, envolve mais e mais a própria experiência; tudo é percebido à luz dessa relação dominante. (DIVARKAR, 1991, p. 144).

Ao afirmar a experiência como relacional, Divarkar o afirma sobre a relação pessoal com Deus, própria da experiência interna dos Exercícios. E Melloni se refere à relação entre quem dá e quem faz os Exercícios. Na experiência do PPI, encontramos as duas vertentes: o processo de conhecimento envolve “todo o tipo de atividades mentais e psicomotoras, pelas quais os alunos tentam captar profundamente a realidade” (PPI 44); ou seja, esse processo pede uma implicação do aprendente na realidade, implicação esta que é relacional, e não somente fática.

Na escola, essa experiência relacional pode ser “direta”: ocorre “nas relações interpessoais, tais como conversas ou debates, descobertas de laboratório, pesquisas de campo, práticas de serviço social, atividades esportivas, ou similares” (PPI 45), de modo que, no ensino-aprendizagem, a aproximação relacional do objeto de estudo se dá também em relações interpessoais. Mas ela pode também ser “indireta”. Nesse caso, o professor atua mais intensamente para proporcionar a experiência: “Para empenhar os alunos numa experiência de aprendizagem mais profunda em nível humano, os professores são desafiados a estimular a imaginação deles e a aplicação dos sentidos, de sorte que possam ter acesso mais pleno à realidade estudada” (PPI 45). Assim, do mesmo modo que “aquele que dá os Exercícios sente o que se passa com quem os recebe, e se sente com e na Igreja”, o professor, atento ao que se passa com os alunos, entra em um processo de experiência relacional de ensino-aprendizagem.

5.4 “Refletir sobre mim mesmo para tirar algum proveito”: a experiência refletida que leva à ação.

A busca do “conhecimento interno” da pessoa de Jesus no exercício do “sentir e saborear internamente as coisas” é critério decisivo para entender bem a dinâmica dos Exercícios Espirituais e, conseqüentemente, o modo de proceder pedagógico proposto na dinâmica do PPI, do qual experiência é elemento fundamental. Como vimos na experiência de conversão de Santo Inácio, na longa solidão da convalescença no Castelo de Loyola, ele foi descobrindo progressivamente um mundo interior que desconhecia: ele sentia os movimentos interiores que acompanhavam seus pensamentos e imaginação e, pouco a pouco, começou a refletir sobre eles

e perceber suas semelhanças e diferenças. E percebeu, então, que os diferentes pensamentos o atraíam a diferentes caminhos e projetos de vida (Cf. Aut 5-9).

Assim, na busca do conhecimento interno, não se trata somente de “sentir e saborear internamente as coisas”, mas também de “refletir” sobre o que se sente e experimenta, a fim de tirar as suas consequências para a vida concreta. De fato, na mesma Anotação 2, que termina com esse princípio fundamental do “sentir e saborear internamente as coisas”, Santo Inácio já expressa essa convicção:

Porque a pessoa que contempla, tomando o verdadeiro fundamento da história, reflete e raciocina por si mesma. Encontrando alguma coisa que a esclareça ou faça sentir mais a história, quer pelo seu próprio raciocínio, quer porque seu entendimento é iluminado pela virtude divina, tem maior gosto espiritual do que se quem dá os Exercícios explicasse e ampliasse muito o sentido da história; porque não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas. (EE 2).

E, além de afirmar que se trata de um *sentir internamente as coisas que é refletido*, Santo Inácio ainda destaca que, na proposição da matéria do exercício, a perspectiva *bancária* de depositar informações sobre o exercitante deve ser evitada: ela só vai atrapalhar o exercitante na sua busca do *conhecimento interno*. Por isso, quem dá os Exercícios deve “apresentar apenas os pontos, com uma breve e sumária declaração” (EE 2) e deixar que o exercitante faça sua experiência interna e reflita sobre ela.

Aprofundemos um pouco mais sobre esse *refletir* posto por Santo Inácio, tomando apenas mais um exemplo. Na Segunda Semana dos Exercícios Espirituais, o exercitante pede a graça do *conhecimento interno do Senhor* e passa um bom tempo contemplando a cena do evangelho para fazer essa experiência. O passo seguinte no exercício é expresso assim por Santo Inácio: “refletir para tirar algum proveito de tal cena” (EE 106); ou “refletir para tirar proveito de suas palavras” (EE 107); ou ainda “refletir depois sobre mim mesmo, para tirar algum proveito” (EE 114). Esse é um requisito indispensável ao final da contemplação.

Mas qual é o objeto desse refletir: eu reflito sobre o que? Santo Inácio diz: *refletir sobre mim mesmo*. Segundo a afirmação de Larrosa (2014, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nesse sentido, o objeto do *refletir sobre mim mesmo* é o *que me passou, o que me aconteceu, o que me tocou* interiormente durante a contemplação: é a experiência interna vivida nesse exercício. Ou seja, trata-se de um voltar-se para o próprio interior e de uma tomada de consciência da própria realidade pessoal, do que se passou dentro de si durante a experiência vivida na contemplação: como isso me afetou ou me impactou? Que caminhos me aponta? Que novas perspectivas essa experiência me abre? Que questionamentos me traz?

Antônio Guillén (2007, p. 451) explica que *refletir sobre mim mesmo* equivale a “transportar para si mesmo o que se contempla, a deixar-se impregnar a cabeça, o coração e as entranhas pelo mistério de Cristo contemplado”. Esse termo *impregnar* usado por Guillén para caracterizar o *refletir* é bastante sugestivo, pois aponta para um sentido de *refletir* que devemos ter presente na perspectiva inaciana: *refletir* significa apropriar-se do conteúdo da experiência vivida, tomando consciência dele e assimilando-o, através da busca de entendimento, pelo raciocínio, pela *reflexão* mais intelectual, objetiva; porém, o conteúdo da *reflexão* não se reduz a uma busca de *muito saber*, mas envolve os *reflexos*, os *impactos* que a experiência de *sentir e saborear internamente as coisas* despertou na “cabeça, no coração e nas entranhas” do sujeito, e dos quais ele está *impregnado*. Assim, trata-se de *uma reflexão, com sabor, sobre os reflexos interiores da experiência vivida*, para se apropriar conscientemente das interpelações, apelos e marcas afetivas que essa experiência lhe causou.

Portanto, esse *impregnar-se todo* tem um efeito muito concreto, pois é a tomada de consciência do sujeito *do que lhe passou* na experiência vivida, para deixar-se envolver por ela, e que leva-o a uma transformação vital. Nesse sentido, Adolfo Chércoles (2007, p. 1546) afirma que “quando o conhecimento é interno, o ‘refletir sobre mim mesmo’ irá suscitando uma atitude, uma predisposição incondicional a ser resposta sem reserva”. Assim, a experiência que o exercitante – aprendente faz de sentir e saborear internamente as coisas, traz consigo um processo de conhecimento interno das mesmas e, ao refletir sobre essa experiência e tomar consciência de seus reflexos e impactos interiores, da transformação que a experiência vai lhe suscitando, desencadeia-se nele uma ação concreta na direção apontada pela experiência vivida.

Nesta perspectiva, quando falamos de experiência no PPI, a compreendemos como esse organismo integral que é experiência – reflexão – ação: “A contínua inter-relação de experiência – reflexão – ação na dinâmica do ensino aprendizagem da sala de aula situa-se no coração mesmo da pedagogia inaciana” (PPI 29) e o paradigma pedagógico é reflexão – experiência – ação (Cf. PPI 30). Desse modo, a reflexão sobre a experiência é um processo que *constrói a consciência dos alunos* – “suas atitudes pessoais, seus valores e crenças, bem como seus modos de pensar” – e eles são “impelidos a passar do conhecimento à ação” (PPI 28).

No contexto inaciano de educação integral, a reflexão é essencial no processo de assimilação da experiência. Trata-se de um movimento de interiorização em que o aluno buscará verificar o sentido da experiência feita e como esta *afeta a sua vida* (Cf. PPI 47). Aqui, “a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos são utilizados para captar o significado e valor essencial do que está sendo estudado”, desafiando os alunos a “irem além

do puro conhecimento e passarem à ação” (PPI 48). Deste modo, a reflexão é o processo pelo qual se traz à tona o sentido da experiência” (PPI 49). Esse movimento culmina na ação, que “refere-se ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem como à sua manifestação externa” (PPI 62).

Mais uma vez, Larrosa ilumina nossa percepção da experiência na perspectiva inaciana, mostrando que o “saber de experiência”, encarnado no sujeito aprendente, forja sua personalidade e seu modo de se posicionar diante da realidade:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2014, p. 32).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrido o itinerário que traçamos em nosso estudo, vimos que, quando falamos de experiência no PPI, não estamos na linha de compreensão da experiência como experimento e nem do mero acúmulo de informações. Estamos diante de um conceito de experiência que significa “conhecimento interno”, fruto do “sentir e saborear internamente as coisas”, que só é possível quando temos presente que “não é o muito saber que sacia e satisfaz” o sujeito aprendente. Dito de outro modo, no PPI falamos de “saber de experiência”, aquele saber *encarnado*, existencial, que se refere *ao que me passa*, e que mobiliza o sujeito aprendente em um processo contínuo de crescimento e transformação vital.

Para tirar essa conclusão, vimos como a Companhia de Jesus, interpelada pelos sinais dos tempos, chegou à configuração do que hoje chamamos de Pedagogia Inaciana e como a experiência é fundamental nessa pedagogia. Situando-nos diante da complexidade da experiência na contemporaneidade, que dificulta a compreensão do sentido do termo no PPI, fizemos o exercício de “descontaminar a palavras experiência”, para compreender a sua tonalidade experiencial, de experiência interna. E então seguimos o itinerário experiencial de Santo Inácio de Loyola e dos Exercícios Espirituais, que nos colocou diante do sentido de experiência que temos no PPI: aquela que se dá encarnada no contexto do sujeito aprendente; que é conhecimento interno; que é saboreada, da qual o sujeito aprendente se torna consciente, refletindo sobre si mesmo e pela qual ele se deixa transformar, lançando-se à ação. E, dialogando com Jorge Larrosa

Bondía (2014), a caracterizamos como um “saber de experiência”, pessoal e singular, que não só traz informações, mas “configura a personalidade do sujeito” aprendente.

Deste modo, traçamos um itinerário que ajuda a responder à questão trazida por aquele professor que, na capacitação sobre o PPI, entendia experiência como um experimento do laboratório de física e veio a captar seu sentido no contexto do PPI ao viver uma experiência interna em um retiro inaciano de final de semana.

Como destacamos no início deste estudo, trata-se de uma leitura do conceito de experiência no PPI a partir dos Exercícios Espirituais e da espiritualidade inaciana. Nesta perspectiva, tal leitura traz elementos próprios desses referenciais para a compreensão de experiência no contexto da pedagogia inaciana, dialogando com Larrosa Bondía. Mas deixa espaço aberto para outros diálogos com grandes referências no campo da educação, que aqui não foram contemplados. Por exemplo, a reflexão pode ser aprofundada em um estudo para verificar qual a possível influência do pensamento de John Dewey para a concepção de experiência no PPI, perguntando de que maneira o processo educativo como reconstrução da experiência se relaciona com esse Paradigma Pedagógico; ou podemos nos perguntar se essa concepção de experiência poderia dialogar com Paulo Freire, investigando como a superação da educação bancária pela educação problematizadora e libertadora traz em si uma carga de experiência, à maneira que coloca o PPI; ou ainda, que relações poderemos tecer com o ciclo de aprendizagem experiencial de Alice e David Kolb. Poderíamos chamar essas indicações de lacunas ou de portas abertas deste estudo. De qualquer forma, são exemplos de outras possibilidades de abordagem da perspectiva inaciana do conceito de experiência no PPI.

Isto posto, faço uma observação final. Mesmo trazendo todos os elementos reflexivos que nosso estudo proporcionou, e mesmo que a leitura desse estudo traga luz sobre o conceito de experiência no PPI, nada supera a vivência dos Exercícios Espirituais para a assimilação do sentido de experiência que pretendemos aqui, pois se trata de um “saber de experiência” e não de um saber especulativo, se trata de uma relação vital e existencial na busca do saber.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter. **Um rumor de anjos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores**. Escritos sobre experiência. São Paulo: Autêntica, 2014.

CALVERAS, José. Notas exegéticas sobre el texto de los Ejercicios. Exegésis de Ejercicios. In: **Manresa**. Madrid, vol. 24, n. 93, p. 367-392, oct-dic 1952.

CHÉRCOLES, Adolfo. Reflektir. In: CASTRO, José Garcia de (Dir). **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2007, p. 1544-1546.

DAELEMANS, Bert. “Sentir y gustar” [Ej 2]: sensibilidad estética. In: PEÓN, Rufino Meana (Dir.). **El Sujeto**. Reflexiones para una antropología ignaciana. Bilbao-Santander-Madrid: Mensajero-Sal Terrae-Universidad Pontificia Comillas, 2019, pp. 553-574.

DIVARKAR, Parmanandra. **La experiencia de Dios que hace y configura la persona humana**. In GARCÍA-LOMAS, Juan Manuel (Ed.). Ejercicios espirituales y mundo de hoy, Congreso Internacional de Ejercicios. Bilbao - Santander: Mensajero - Sal Terrae, 1991, p. 139-146.

FESSARD, Gaston. **La dialéctica de los Ejercicios Espirituales de San Ignacio de Loyola**. Bilbao-Santander: Mensajero – Sal Terrae, 2010.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. A Ratio Studiorum. Campinas: Kyrion, 2019.

GARCÍA, Jesús Manuel. **Manual de Teología Espiritual**. Epistemología e interdisciplinariedad. Salamanca: Sígueme, 2015.

GUILLÉN, Antônio. Contemplación. In: CASTRO, José Garcia de (Dir). **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2007, p. 445-452.

ICAJE. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1986.

ICAJE. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. São Paulo: Loyola, 1993.

IPARRAGUIRRE, Ignacio. **Vocabulario de Ejercicios Espirituales**. Ensayo de Hermenêutica Ignaciana. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1972.

JESUS, Santa Teresa de. **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo: Paulus, 1981.

JESUS, Santa Teresa de. **Livro da Vida**. São Paulo: Paulus, 1983.

KLEIN, Luiz Fernando. Exercícios Espirituais: Escola de Formação para a Pedagogia Inaciana. In: **Itaici** – Revista de Espiritualidade Inaciana. São Paulo, n. 48, p. 21-32, jun. 2002.

KLEIN, Luiz Fernando. **A Educação Integral segundo a pedagogia Inaciana**. Set 2017. Disponível em <https://pedagogiaignaciana.com/biblioteca-digital/biblioteca-general?view=file&id=1701:a-educacao-integral-segundo-a-pedagogia-inaciana&catid=8>. Acessado em 06/10/2021.

LOYOLA, Ignacio de. **Ejercicios Espirituales**. Santander: Sal Terrae, 1990.

LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia**. São Paulo: Loyola, 1991.

MELLONI, Javier. **Mistagogía de los Ejercicios**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2001.

MELLONI, Javier. Gustar. In: CASTRO, José Garcia de (Dir). **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2007a, p. 931-933.

MELLONI, Javier. Sentir. In: CASTRO, José Garcia de (Dir). **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2007b, p. 1631-1637.

MENDES, Olenir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Marisa Lomônaco de Palma (ORGs). **Currículo e Avaliação na Educação Superior**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005, p. 175-197.

PALACIO, Carlos. Experiencia de Dios. In: CASTRO, José Garcia de (Dir). **Diccionario de Espiritualidad Ignaciana**. Bilbao-Santander: Mensajero-Sal Terrae, 2007, pp. 855-862.

THOMAS, Joseph. **O segredo dos jesuítas**. Os Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 1990.